Neste momento solene, em que a Academia Mineira de Medicina tem o privilégio de recebê-lo com os braços abertos, por ter a certeza de que terá mais um guardião de suas tradições e um defensor da cultura médica tenho a honrosa incumbência de saúdá-lo, atendendo a um chamado, mais ao amigo que ao orador, já que, se não possuímos o dom da oratória, sobram-nos os sentimentos de amizade ao novo Confrade.

 Mesmo sendo possuidor de qualidades essenciais a um Acadêmico, estamos certos de que você “descalçará as sandálias” para aqui entrar, como faziam os acadêmicos da antiguidade, numa demonstração de humildade e de respeito ao seu cenáculo. Mas manterá a firmeza do olhar, já que suas virtudes intelectuais e morais o credenciam a ombrear-se aos que aqui já estão e que o receberão como amigo. Venha com toda a sua experiência, brilhantemente adquirida na Cátedra de Farmacologia da Faculdade de Medicina da UFMG e na prática da anestesiologia, pois esses conhecimentos nos serão úteis e poderão continuar sendo utilizados em beneficio da humanidade.

Conhecemos sua passagem pela Cadeira de Farmacologia onde, juntamente com o saudoso Mestre e Acadêmico, Professor Santiago Americano Freire, um notável cultor das artes e das ciências médicas, você soube impor sua inteligência e destacar-se pela dedicação ao trabalho.

 Sua trajetória na Faculdade de Medicina é uma credencial das mais valiosas, já que, ali, ainda estudante de medicina, você começou como Monitor e, após sua formatura, passou por todas as etapas da carreira universitária, de Técnico de Laboratório a Professor Adjunto, sempre por concurso ou merecimento. Nesse período sucederam-se os cursos de especialização, que culminaram com o Mestrado obtido na Universidade de Utah, nos Estados Unidos da América do Norte, sob a sábia orientação do famoso Professor Louis Goodmann, um dos maiores farmacologistas do mundo. Na Faculdade fez parte de inúmeras Bancas Examinadoras para admissão de professores assistentes e coordenou uma série de Cursos de Especialização, além de participar de inúmeros Congressos e publicar vários trabalhos científicos em revistas brasileiras e estrangeiras. Todas estas atividades estão plenamente documentadas no seu excelente “curriculum vitae”, apresentado a esta Academia.

 Este é o seu perfil de cientista, que o consagrou junto aos seus alunos e colegas. Outro importante aspecto de sua vida profissional foi à dedicação a anestesiologia, especialidade que brilhantemente exerceu, paralelamente ao magistério, e onde conheceu os dramas e as alegrias do exercício da profissão médica. Seus profundos conhecimentos farmacológicos sempre lhe deram uma inexcedível tranqüilidade durante o ato anestésico, só possível naqueles profissionais realmente conhecedores dos segredos dos medicamentos e da fisiologia humana. Sua presença na sala de cirurgia constitue-se, sempre, num fator de segurança para o paciente e de tranqüilidade para o médico operador.

Prezado Acadêmico Boson, você demonstrou condições científicas e culturais plenamente satisfatórias para ingressar nesta Academia, mas todas estas virtudes não seriam suficientes se não estivesse por trás o cidadão exemplar que, realmente, você é. Respeitado junto à sociedade e inteiramente dedicado à família, tem a razão de sua vida em sua esposa, a médica e também Professora de Farmacologia, doutora Wolfanga Lentz Monteiro Boson, a quem, neste momento, rendemos nossas homenagens. E em seus filhos, Walkiria, engenheira civil, Lucas, engenheiro civil, Oscar, engenheiro mecânico e Magnus, médico, que, juntamente com o genro Leandro e as noras Luciana e Izabel, já trouxeram cinco netos para a família. É no lar, entre o amor, o respeito e o exemplo dos antepassados que se prepara o futuro cidadão. Estas qualidades você recebeu e soube transmitir aos seus descendentes ao cumprir com exatidão os deveres que a Lei impõe e a sociedade exige.

 Ao iniciar esta nova fase de sua vida, estamos certos de que não dormirá sobre os louros da merecida vitória alcançada, já que terá que manter a grandeza daqueles que o precederam na Cadeira número 90, que agora é sua, e que foram os inesquecíveis Acadêmicos Levindo Eduardo Coelho, Patrono, e Eduardo Levindo Coelho, primeiro ocupante. Deste momento em diante passará a ter a responsabilidade de ser conselheiro e deixará de ter a tranqüilidade de ser aconselhado. Compartilhará conosco da grandiosidade de solenidades como esta, em que a Academia fica rejuvenescida com a entrada de um novo confrade. Participará da entrega de láureas, uma das nossas mais belas atividades, quando a Academia faz um reconhecimento público de personalidades que dignificaram a arte de curar ou de consolar nosso semelhante, a maioria das vezes, anonimamente.

Usará seu saber e sua experiência na manutenção dos princípios éticos da nossa profissão e na valorização da cultura médica. Lembre-se de que o título de Acadêmico só é recebido por aqueles que, atingindo certa fase da vida, passam a ter o direito de externar, livremente, suas opiniões. A sociedade e, principalmente, a classe médica, esperam de nós a segurança do conhecimento e a profundidade da razão. Ao juntar-se a nós, traduza sempre em atos a disposição de sua alma, conjugue conosco suas energias e faça brilhar seu gênio, lembrando sempre que, solidários, seremos invencíveis, mas, isolados, nada seremos.

 Acadêmico Boson, seu currículo mostra posições universitárias adquiridas brilhantemente pelo seu saber; sua trajetória na prática da anestesiologia é notável; sua vida familiar é irrepreensível; essas qualidades o trouxeram para a Academia Mineira de Medicina. Venha com elas e com a sua humildade e modéstia, traços marcantes de sua personalidade, continuando a ser a pessoa humana que você realmente é. Continue a ser aquele menino lá de Floriano, no Piauí, filho do senhor Eugenilino Boson Dias e de dona Carlota Mello de Britto Boson e que, aos 6 anos de idade, foi acometido por grave pneumonia e, como naquela época não existiam antibióticos, entrou em um estado comatoso, tendo sido considerado como morto. Felizmente acordou no meio do seu “velório”, com toda a família rezando e chorando ao lado do seu leito, estando você cercado de flores e com uma vela acesa entre as mãos. Foi um grande reboliço para desmanchar o fúnebre quadro. Devido ao fato de seu irmão mais velho, o consagrado jurista Gerson Boson, residir em Belo Horizonte, onde exercia a advocacia, você veio para aqui, em 1950, para fazer o exame vestibular para medicina, sendo aprovado na primeira tentativa. Na Faculdade de Medicina dedicou-se, com grande aproveitamento, ao estudo da Anatomia Humana, sendo designado Monitor dessa Cadeira. Sucessivamente, dedicou-se à Fisiologia, à Bioquímica, à Parasitologia e à Farmacologia. Transformou-se em um verdadeiro “rato” desses laboratórios, conforme expressão sua, para explicar sua dedicação plena aos mesmos. Foi excepcionalmente aplicado no curso de Anatomia Patológica, a ponto do Professor Bogliolo, Titular da Cadeira, apelidá-lo de Morgagni, que era um antigo Mestre da patologia. Terminado o curso médico, ficou na Cátedra de Farmacologia, sob a orientação do saudoso Professor Santiago Americano Freire, tendo sido contemplado com uma Bolsa de Estudos nos Estados Unidos da América do Norte, onde estudou bioquímica na Universidade de Tulaine e farmacologia na Universidade de Utah, esta, como já falamos sob a orientação do famoso Professor Louis Goodmann. Neste último estágio, alguns fatos marcaram sua passagem por esta Universidade, como a dissecção da região lombar de um gato, com preservação de todas as raízes nervosas e suas conexões, conforme aprendera aqui, o que surpreendeu o Professor Assistente que pediu para fotografar a peça, para ilustrar um trabalho científico que estava fazendo.

 Certa feita, no mesmo serviço, aplicava injeções de Manitol no quarto ventrículo de animais de experimentação, quando aconteceu um inesperado aumento do número de elementos radioativos, muito acima do esperado, o que determinou a suspensão das experiências. Reunidos os professores, à procura da causa, o Doutor Boson aventou a possibilidade de contaminação do Departamento com Iodo Radioativo o que explicaria tal aumento de elementos radioativos e como a vida ativa do Iodo era menor que a do Manitol, se sua hipótese estivesse certa, dois dias após a contagem voltaria ao normal. E foi o que aconteceu, resolvendo o problema e possibilitando a sua promoção a Pesquisador Associado do Departamento de Farmacologia da Universidade de Utah.

Quando terminou sua pós-graduação, foi convidado pelo Professor Goodmann para continuar a trabalhar no seu serviço, tendo recusado, já que sua meta era a nossa Faculdade de Medicina.

 Acadêmico Francisco das Chagas Britto Boson, continue confiando na sua capacidade e no seu esforço. O caminho sempre está aberto a todos e se uns vencem e alcançam o que almejam não é porque sejam predestinados, senão porque tiveram como você, arrojo e tenacidade. Agradeço-lhe, com toda a sinceridade, o privilégio de saúdá-lo e é com respeito e admiração que lhe digo: Seja bem vindo.

## Discurso do Acadêmico Francisco das Chagas Britto Boson

Discurso do Acadêmico Titular Francisco das Chagas Britto Bóson, na Sessão Solene da Academia Mineira de Medicina em sua posse no dia 19 de junho de 1997. Cadeira Nº. 90.

 Inicialmente quero agradecer ao distinto amigo, Presidente desta Casa, Dr. Fernando Araújo, e aos demais membros acadêmicos que me escolheram para ocupante da cadeira de número 90 da casa de Cícero Ferreira, na qual tenho a honra de ser hoje empossado.

 Falta-me como agradecer adequadamente as palavras carinhosas de saudação do insigne colega e dileto amigo, Fernando Araújo. Resta-me, entretanto, o consolo de saber que os sábios têm por hábito transferir para seus amigos os seus dotes de inteligência, bondade e até mesmo o seu caráter. Saiba o prezado colega que, durante nossa convivência em bloco cirúrgico de hospitais de Belo Horizonte, este seu amigo teve o privilégio de beber com avidez, diretamente da fonte do conhecimento, a sua ética, a sua bondade, seu caráter, sua postura diante do paciente, não importando sua classe social. Além de tudo isso, tenho a honra de poder afirmar aqui: sou seu afilhado.

 Senhores, a cadeira de nº 90 tem como Patrono Levindo Eduardo Coelho. No dizer do ilustre acadêmico Paulo Lodi – ao qual peço vênia para fazer minhas as suas palavras – o Dr. Levindo Eduardo Coelho foi o homem, o farmacêutico formado pela Faculdade de Farmácia de Ouro Preto, o médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e o político de grande projeção no cenário de Minas Gerais e do Brasil.

 Quis o acaso que eu ocupasse a vaga deixada por Eduardo Levindo Coelho, o primeiro ocupante, filho do Patrono, colocando assim sobre os meus ombros tamanha responsabilidade, quiçá além das minhas forças.

 Como é do conhecimento da maioria dos aqui presentes, o Dr. Eduardo Levindo Coelho, nasceu na cidade de Ubá, Minas Gerais, no dia 13 de setembro de 1915. Diplomou-se em medicina no ano de 1939, pela Faculdade de Medicina da UFMG.

Iniciou suas atividades profissionais na cidade de Manhumirim, onde gozava de muito prestigio como médico pela sua extrema habilidade como cirurgião e como pessoa humana. Transferiu-se posteriormente para Belo Horizonte. Aqui exerceu vários cargos de expressão, tais como:

* Presidência do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais – IPSEMG
* Superintendência Geral de Saúde
* Secretaria de Estado de Governo
* Secretaria de Estado de Saúde
* Secretaria de Estado da Educação.

Foi:

* Presidente do Conselho Regional de Medicina
* Membro da Associação dos Escritores Médicos do Brasil
* Membro da Academia Uberabense de Letras
* Presidente dos Hospitais Filantrópicos de Belo Horizonte e, como não podia deixar de ser,
* Membro da Academia Mineira de Medicina

Foi agraciado com diversas condecorações:

* Medalha da Inconfidência
* Medalha do Mérito Legislativo
* Medalha do Alferes Tiradentes
* Medalha de Ouro Paulo Penido
* Medalha de Ouro Santos Dumont
* Medalha Carlos Chagas.

Foi ainda Cidadão Honorário das cidades de Araguari, Uberaba, Uberlândia, Carangola, Pedro Leopoldo, Mateus Leme, Piraúba e Esmeraldas.

 Senhores, não sou poeta, nem tampouco um expoente literário, de modo que eu jamais conseguiria transmitir em versos ou mesmo em prosa, o que foi e o que representou Eduardo Levindo Coelho, enquanto companheiro em nossa jornada na busca da consciência plena. Não me refiro aos postos que ele galgou os quais lhe proporcionaram a realização de dezenas de obras, todas de grande valor humanitário (das quais bastaria citar apenas o Hospital da Previdência). Nem me refiro às honrarias e comendas recebidas. Falo, particularmente, de suas características como pessoa humana, de seu caráter. Eduardo Levindo Coelho foi um desses homens que podemos chamar de vanguardeiro, realizador, extremamente humano na prática da medicina, desprendido, correto e justo nas suas decisões. Não tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, senão através de suas realizações, porém todos que o conheceram, muitos dos quais meus colegas de turma e de outras turmas, todos, sem exceção, foram unânimes em afirmar que Eduardo Levindo Coelho foi um homem bom, com o qual nós podíamos contar como amigo, admirado pelas suas virtudes e que encantava a todos pela retidão de suas atitudes. Por tudo isso, o que me resta é pedir a Deus que me dê forças para, enquanto ocupante desta cadeira, jamais cometer algum ato que possa desmerecê-lo.

 Volto a repetir que me sinto muito honrado por me terem deferido a dignidade de assentar-me aqui, entre os pares da mais nobre arte – a medicina.

 Enquanto eu escrevia estas linhas, escutava, ao mesmo tempo, Pavarotti cantando “Santa Lucia”, o que – não sei por que transportou-me à pequena cidade do interior do Piauí, onde nasci, Floriano. Cheguei a Belo Horizonte no final de 1949. Fiz o “cursinho” pré-vestibular do professor José Guerra. Entrei para a Faculdade de Medicina da UFMG e graduei-me em 1956. Quero dizer que sou extremamente grato a todos os professores do curso médico, pois todos contribuíram para a minha formação médica e profissional. Entretanto devo citar, especialmente, dois que participaram diretamente de minha formação como Farmacologista – o saudoso professor José Baeta Viana, que me proporcionou uma bolsa de estudos junto à Rockfeller Foundation, dando-me a oportunidade de trabalhar no Departamento de Farmacologia da Universidade de Utah, em Salt Lake City, EUA, sob a orientação do professor Louis S. Goodmann, reconhecidamente um dos maiores expoentes da Farmacologia Médica. E, em segundo lugar, o professor Santiago Americano Freire, cujo falecimento nos surpreendeu a todos, no domingo, dia 24 de maio.

 Não posso deixar de dizer que tenho a honra de ter sido monitor, técnico de laboratório, técnico científico e professor assistente do Departamento de Farmacologia, enquanto o professor Santiago era o Catedrático chefe do referido Departamento. Pelo fato de ter trabalhado muito tempo com ele, posso dizer com toda certeza que o professor Santiago era uma pessoa extremamente inteligente e culta, portador de uma bagagem científica extraordinária. Como professor, as suas aulas eram verdadeiros artigos de seleção. Em 45 a 50 minutos ele conseguia abordar com clareza inteiramente o assunto da aula, sobre os diferentes aspectos farmacodinâmicos desde a origem química ao emprego clínico da droga.

 Particularmente, o Professor era uma pessoa autêntica, ímpar no seu modo de agir. Jamais deixava de se manifestar de modo claro e franco a qualquer solicitação agradável ou desagradável, em qualquer situação e em qualquer ambiente.

Passando o momento, por mais tenso que fosse, o professor Santiago era o mesmo homem, sem mágoa, sem medo, sem ódio. O professor Santiago colocava o Departamento de Farmacologia a disposição de quem quisesse trabalhar, sem jamais impor restrições de qualquer natureza, onde comecei a minha formação em farmacologia, como monitor da cadeira, ainda acadêmico de medicina.

 Em 1958, casei-me com a então acadêmica de Medicina, Wolfanga, aqui presente. Dizem, que ao lado de um homem existe sempre uma mulher que compartilha de suas alegrias e o conforta nas suas tristezas. Devo confessar, entretanto, que nas minhas dificuldades, toda a vez que eu procurava por minha esposa ao meu lado, não a encontrava... ela já estava na frente, me rebocando. A propósito, partilho da mesma opinião do chinês quando diz que a história da criação deveria ser reescrita inteiramente. Senão, vejamos: a novela chinesa “O Sonho da Sala Vermelha” conta que o jovem herói, um sentimental mulherengo que admirava intensamente suas belas primas, e chegava mesmo a sentir pena de ser varão, dizia que a mulher era feita de água e o homem de argila, pois achava as primas suaves, puras, jeitosas, ao passo que ele e seus companheiros eram feios, desajeitados grosseiros. Se quem escreveu o Gênesis fosse Paoyu e soubesse do que estava tratando, ter-nos-ia legado uma narrativa diferente: Deus tomou um pouco de barro, amassou-o até dar-lhe forma humana soprou-lhe no nariz e ficou pronto Adão. Mas, Adão começou a rachar e esfacelar-se. Então, Deus tomou um pouco de água e com a água moldou a argila. E essa água que entrou no ser de Adão chamava-se Eva, e somente quando Eva se incorporou a ele, ficou completa a vida. Wolfanga ainda me presenteou com quatro maravilhosos filhos, os quais já me deram cinco formidáveis netos.

 Abusando um pouco mais da paciência dos presentes, quero dizer que, por um momento, um tênue véu de tristeza invadiu minha mente, porque eu gostaria que, além dos parentes e amigos que aqui estão, estivessem também fisicamente presentes, todos os meus irmãos e os meus pais para compartilharem comigo da alegria desta festa. Ainda bem que eu disse por um momento e referi-me à presença física deles, porque alguns dos meus 6 irmãos já mudaram, incorporando-se à eterna procissão da primavera, verão, outono e inverno, portanto presentes vivamente na minha memória. Quanto aos meus pais, que também já se foram, perguntei-me subitamente: o que eu sou?... Senão uma centelha viva de cada um deles!...

 Assim, para terminar, quero agradecer a boa vontade de todos em me escutarem.

Muito obrigado...